

NOTÍCIAS

Vice-Reitora da Universidade do Porto eleita membro do Conselho de Administração da International Association of Universities (IAU)

Fundada em 1950, a IAU atua como a representante independente das universidades de todo o mundo junto da UNESCO e de outras organizações nacionais, regionais e internacionais de educação. Uma das instituições associadas mais estratégicas do projeto ANGLE, a IAU tem como um dos principais objetivos a promoção da cooperação entre as instituições de ensino superior, aplicando os valores e princípios fundamentais que sustentam a procura, a disseminação e a aplicação do conhecimento. A IAU promove ainda o respeito pelos diferentes pontos de vista, a responsabilidade social e o conhecimento mútuo a nível interinstitucional.

A Prof. Fátima Marinho, Vice-Reitora da Universidade do Porto para a Cooperação Internacional e Cultura, foi eleita um dos 20 membros efetivos do Conselho de Administração da IAU, órgão responsável pela execução das políticas definidas pela Assembleia Geral da organização e pela orientação do seu Secretariado Permanente. A Vice-Reitora da Universidade do Porto foi eleita, juntamente com os restantes membros do Conselho de Administração, durante a 15.ª Assembleia Geral da IAU que decorreu em Banguecoque (Tailândia), entre os dias 13 e 16 de novembro de 2016.

CENTRO CIENTÍFICO ASSUMPTA: UM COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

O Centro Assumpta foi desenvolvido com o principal objetivo de enaltecere a educação científica em África através de atividades de aprendizagem informal. Jovens estudantes trabalham em conjunto com professores voluntários e peritos de várias partes do globo, que por sua vez desenvolvem sinergias com os seus colegas africanos. Estas atividades são desenvolvidas sob a alçada do Pontifício Conselho para a Cultura de Itália, o principal patrono do Centro.

O Ministro da Ciência e Tecnologia da Nigéria, Dr. Ogbonnaya Onu, assumiu o compromisso do governo nigeriano de desenvolver os setores da ciência e da tecnologia de forma a funcionar como os principais impulsionadores na promoção do rápido desenvolvimento do país.

Durante o seu discurso há duas semanas durante a inauguração do Centro Assumpta, o Dr. Onu afirmou que este projeto estava em linha com o compromisso do governo de internacionalizar as suas universidades, e com a aprendizagem da ciência como motor de desenvolvimento sustentável do país.

O Dr. Onu sublinhou ainda que a diferença entre África e as nações desenvolvidas é a permanente atualização destas nações em termos científicos, tecnológicos e de inovação.

O Centro Assumpta localiza-se em Ofekata, uma comunidade autónoma que faz parte da cidade de Orodó, no sul da Nigéria e está previsto que entre em pleno funcionamento dentro de alguns meses.



EDITORIAL

O projeto ANGLE, como todos os projetos internacionais, tem como objetivo principal aproximar culturas diferentes, proporcionar experiências enriquecedoras, que se traduzirão numa reconhecida vantagem para estudantes, docentes e técnicos. Sabemos que o mundo mudou com o programa Erasmus e seus associados e mudou porque proporcionou, como nunca antes tinha acontecido um intercâmbio que ultrapassa largamente o académico e tem interferências definitivas nos modos de ser e perceber a existência. Mesmo prestes a terminar, o projeto ANGLE não acaba, isto é, os resultados obtidos perduram naqueles que dele usufruíram e favorece futuras mobilidades, sejam elas de curta ou longa duração. O conhecimento do outro minoriza o medo da diferença e facilita hipóteses de estudos sobre áreas científicas específicas; a procura de cursos de pós-graduação (mestrados e doutoramentos) nas instituições parceiras será disso uma prova evidente.

A estratégia da Universidade do Porto é, sem qualquer dúvida, a de continuar a apostar fortemente em parcerias internacionais que legitimem a criação de uma verdadeira Universidade de investigação, uma Universidade sem fronteiras.

Fátima Marinho **Coordenadora do Projeto ANGLE**



CRIAÇÃO DE REDE DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E DE INSTITUIÇÕES DE INVESTIGAÇÃO NA ÁFRICA CENTRAL

A Agence Universitaire de la Francophonie (AUF) e as suas instituições-membro na África Central reuniram no passado mês de dezembro para discutir o desenvolvimento e consolidação de um espaço de cooperação científica a nível interuniversitário. O tema principal da reunião construtiva, que teve lugar no passado dia 8 de dezembro na Universidade de Douala (Camarões), foi precisamente a criação da Rede de Instituições de Ensino Superior e de Instituições de Investigação na África Central (REESIRAC, sigla em Francês). Os seguintes países estiveram representados na reunião: Angola, Camarões, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial, República Centro-Africana e Chade. Uma delegação da Comunidade Económica e Monetária da África Central (CEEAC, sigla em Francês) também fez parte da reunião.

Esta Rede intervirá num contexto muito estratégico para a AUF, o da missão social das universidades como operadoras do desenvolvimento local e global.

Para o Prof. François-Xavier Etoa, Reitor da Universidade de Douala e anfitrião da reunião, o REESIRAC “permitirá compensar o atraso das universidades da África Central relativamente à definição de uma estratégia universitária própria, em linha com os desafios inter-regionais e internacionais ao nível do ensino superior”.

Os responsáveis das instituições presentes na reunião adotaram os estatutos e as regras definidas e procedeu-se à designação dos membros do conselho executivo do REESIRAC e à sua instalação nas novas funções.



TESTEMUNHO

Chamo-me Daniel Eric Madingou, um estudante congolês de Brazzaville (Université Marien Ngouabi de Brazzaville) e beneficiário da bolsa ANGLE para mestrado completo em Ciências da Educação, opção Didática das Disciplinas, na Université de Lille (França).

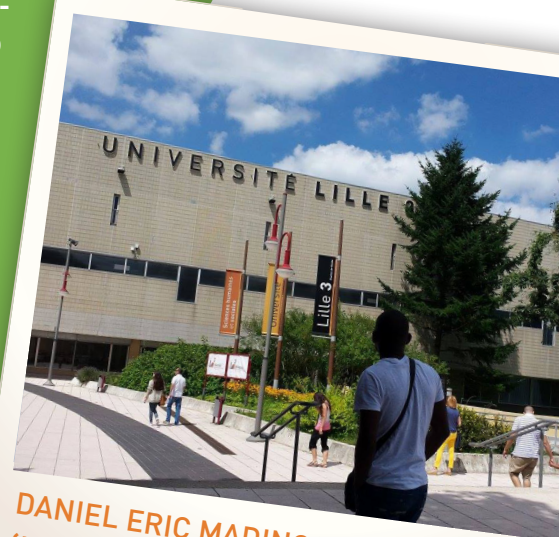
A data de 17 de junho de 2013 ficará para sempre na minha mente, porque foi a data em que recebi o email de seleção como estudante beneficiário da bolsa de excelência da EU, ANGLE. Depois de muitos meses de espera, aquele dia soou como o início de uma nova aventura, e, posso mesmo dizer, de uma nova vida. Ainda hoje considero que este foi o melhor dia da minha vida.

Depois de algumas complicações na Embaixada de França no Congo relativamente à emissão do meu visto, este é o momento para expressar a minha gratidão à Delegação da EU no Congo Brazzaville em geral e em particular à Sra. Victoria Ngouala pela sua total dedicação relativamente à resolução de todas as complicações. Não posso esquecer a Sra. Sara Martins, que se comprometeu em assegurar-se que eu obtinha o meu visto. Expresso também todo o meu reconhecimento ao Prof. Ndongo Ibara e à Sra. Martine Hamiache pela sua contribuição, sem a qual eu não teria o meu visto.

Depois disto, cheguei a França no dia 17 de setembro de 2013, com duas semanas de atraso relativamente à data de início do curso. E foi assim que iniciei uma aventura inesquecível. Tive a oportunidade de descobrir a Europa, nomeadamente a França, e estudar na maior universidade do Norte de França. Esta bolsa permitiu-me adquirir uma excelente formação em Ciências da Educação num ambiente ideal e de ser ensinado por docentes eminentes. A receção foi excepcional, principalmente porque fui recebido por um colega congolês, Pacôme Kouela, estudante de Doutoramento e também beneficiário da bolsa ANGLE. A minha integração decorreu naturalmente, apesar do clima frio que insistia em relembrar-me que estava longe do meu Congo natal. Preciso de dizer que foi muito difícil adaptar-me ao clima do Norte porque o inverno era muito rigoroso. No entanto, com o tempo adaptei-me e tudo decorreu progressivamente. Fui levado a descobrir a grande família Erasmus Mundus em Lille e as diferentes nacionalidades. Conheci novas pessoas, como foi o caso da Joëlle Lantsoa Rasamimalala (também bolseira do projeto ANGLE), que me era muito próxima e me marcou muito.

A minha formação na U.Lille correu bem, devido ao facto de a universidade providenciar aos seus estudantes todos os meios ao seu alcance para que estes sejam bem sucedidos nos seus estudos. As bibliotecas e as salas de informática, por exemplo, eram as melhores. Estou muito feliz por ter realizado os meus estudos nesta universidade porque hoje possuo um grau europeu de Mestre, com uma nota final excelente.

É nesta perspetiva que agradeço verdadeiramente à Comissão Europeia em geral e em particular à equipa de coordenação do projeto ANGLE por terem acreditado em mim e me terem selecionado. Foi uma bênção para mim ter realizado um período de mobilidade numa instituição europeia.



DANIEL ERIC MADINGOU
(Mestrado completo)

FACTOS RÁPIDOS SOBRE OS PAÍSES DAS INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



REGIÃO EM FOCO: ÁFRICA
NOME DO PAÍS: ZIMBABWE

Localização:

África Austral, entre os rios Zambeze e Limpopo. Faz fronteira com a África do Sul a sul, Botswana a oeste e sudoeste, com a Zâmbia a noroeste, e com Moçambique a este e nordeste. Apesar de não fazer fronteira com a Namíbia, estes dois países estão apenas separados por menos de 200 metros pelo rio Zambeze.

Língua oficial: 16 no total, entre elas o Inglês

Moeda: Dólar americano, Rand sul-africano e Pula do Botswana

Gastronomia: a cozinha do Zimbabwe é composta por uma mistura de comida britânica e africana. A refeição-padrão consiste de sadza (uma espécie de papa de milho espessa que é consumida às principais refeições e normalmente acompanha com molhos variados, vegetais como espinafres, feijão ou carne). O sadza também é consumido com natas azedas, conhecido como lacto, ou sardinha seca, conhecida localmente como kapenta ou matemba. Arroz, massa e batata (frita ou assada) também fazem parte da gastronomia do Zimbabwe. Um favorito local é arroz cozinhado com manteiga de amendoim, que é consumido com um molho espesso, vegetais variados e carne. Outro prato tradicional chama-se mutakura e é confeccionado com amendoins, milho seco cozido, feijão-frade e nyimo, outra espécie de amendoim.

O país brevemente: os ingleses começaram a colonizar a região conhecida hoje como o Zimbabwe no final do século XIX, com o principal objetivo de explorar a riqueza mineral desta região. Em 1953, o Reino Unido, receoso da maioria negra, criou a Federação da Rodésia e Niassalândia, composta pela Rodésia do Norte (atual Zâmbia), Rodésia do Sul (atual Zimbabwe) e a Niassilândia (atual Malawi). Em 1964, o Reino Unido concedeu a independência à Rodésia do Norte, mas não à Rodésia do Sul, a não ser que esta última garantisse que o seu governo seria eleito pelo sufrágio universal. Um ano depois, o primeiro ministro da Rodésia do Sul, Ian Smith, proclamou unilateralmente a independência a 11 de novembro de 1965 e promulgou uma nova constituição na qual o país adotava o nome de República da Rodésia. Depois da declaração unilateral de independência, e no seguimento de negociações falhadas com o ministro da Rodésia do Sul, foram aplicadas sanções ao país em 1966 e 1968. As primeiras sanções a 1966 consistiam num embargo, o primeiro aplicado a um estado autónomo. Em 1969, uma minoria branca votou em referendo a favor da república como forma de governo. A república como forma de governação foi declarada no ano seguinte, mas não foi reconhecida pelo Reino Unido nem pela ONU. O Reino Unido considerou a declaração unilateral da Rodésia do Sul como um ato de rebelião, mas não restabeleceu o controlo pela força. No entanto, uma guerrilha contra a maioria branca no governo acabou por se desenrolar, perpetrada pela União do Povo Africano do Zimbabwe (ZAPU) liderada por Joshua Nkomo e pela União Nacional Africana do Zimbabwe (ZANU) liderada por Robert Mugabe. Esta última era apoiada ativamente por forças comunistas e nações africanas vizinhas. Isto forçou o ministro da Rodésia do Sul a encetar negociações com os militantes nacionalistas, chegando a um acordo com os três principais líderes africanos, que lhe garantiram segurança para a população branca em troca do estabelecimento de uma democracia bi-racial. A 1 de junho de 1979, o líder do Conselho Unido Nacional Africano (UANC) Abel Muzorewa tornou-se primeiro-ministro e o nome do país alterou-se para Zimbabwe-Rodésia. O acordo prévio com Ian Smith assegurou o controlo das forças de segurança, civis e judiciárias aos brancos, assim como um terço dos lugares no parlamento. Abel Muzorewa concordou em estabelecer um governo de transição, através de um governador britânico, até à realização de eleições no ano seguinte. Com este acordo, o Reino Unido e a ONU reconheceram a independência do Zimbabwe, declarada 15 anos antes. A ZANU, liderada por Robert Mugabe ganhou as eleições, encontrando-se no poder até aos dias de hoje.



REGIÃO EM FOCO: CARAÍBAS
NOME DO PAÍS: SÃO VICENTE E GRANADINAS

Localização: Pequenas Antilhas. Tem fronteiras marítimas com Santa Lúcia a nordeste e com Grenada a sudoeste

Lingua oficial: Inglês

Moeda: Dólar das Caraíbas Orientais

Gastronomia: A fruta-pão é vista por muitos como o símbolo de São Vicente e faz parte do prato nacional do país: fruta-pão assada e peixe frito. O cultivo da araruta é muito importante no país, que é um dos poucos locais no mundo que produz araruta. O pó extraído da araruta é usado como substituto da farinha na confeitaria de pão e serve como ingrediente na confeitaria de pudins, bolachas, bolos e molhos. A cerveja local, Hairoun, é também muito apreciada. Hairoun é o nome ameríndio original para São Vicente e significa "Terra dos Abençoados".

O país brevemente: A colonização de São Vicente foi agressivamente impedida pelos seus habitantes até ao século XVIII. A partir de 1719, colonizadores franceses começaram a cultivar plantações de café, tabaco, algodão e açúcar, utilizando maioritariamente mão-de-obra escrava para a sua manutenção. Em 1763, São Vicente foi cedida à Grã-Bretanha e em 1779 foi restaurado o domínio francês. No entanto, São Vicente foi novamente recuperada pelos britânicos através do Tratado de Paris em 1793. A escravatura foi abolida do país em 1834. De 1763 até à sua independência, São Vicente mudou diversas vezes seu status de colônia britânica. Uma assembleia de representantes foi instalada em 1776, um governo colonial da coroa foi instalado em 1877, um conselho legislativo foi criado em 1925 e o sufrágio universal foi garantido em 1951. Após um referendo em 1979, São Vicente e Granadinas tornou-se independente no dia 27 de outubro de 1979. São Vicente e Granadinas é uma democracia parlamentar e monarquia constitucional, tendo a Rainha Isabel II como chefe de Estado, com o título de "Rainha de São Vicente e Granadinas". A rainha não reside nas ilhas e é representada no país pelo Governador-geral de São Vicente e Granadinas. O ramo legislativo do governo é o Parlamento de São Vicente e Granadinas, com 15 deputados, eleitos pelo voto popular, representando os distritos eleitorais e seis membros indicados, denominados de senadores. São Vicente e Granadinas tem uma economia baseada na agricultura, dominada pela produção de banana. A indústria do turismo também se encontra em crescimento.

